

REVISTA
ÁFRICA[S]

E-ISSN 2446-7375
ISSN Impresso 2318-1990
Vol. 7 | Nº. 14 | Ano 2020

Comitê Editorial Executivo

Alexandre Antônio Timbane
Alyxandra Gomes Nunes
Bas'lele Malomalo
Detoubab Ndiaye
Ivaldo Marciano de F. Lima
Jacimara Vieira dos Santos
Pedro Acosta Leyva

EDITORIAL

CONSTELAÇÕES POLIFÔNICAS: MUSICALIDADE, TESSITURAS CRIATIVAS DESDE ÁFRICA

Editor-Gerente

[Ivaldo Marciano de Franca Lima](#)

EDITORIAL: CONSTELAÇÕES POLIFÔNICAS: MUSICALIDADE, TESSITURAS CRIATIVAS DESDE ÁFRICA

Ivaldo Marciano de França Lima

Como os fenômenos e eventos que trazem consigo complexidades relacionadas com a música, arte ou seus derivados podem ser analisados? E quais questões trazem consigo, de modo que permitam conhecer as sociedades em que ocorrem? Aliás, como interpretar qualquer questão/fenômeno sem abrir mão do lugar de “cientista” (ou intelectual, desejoso de conhecer e desvendar o que se apresenta de forma estranha, intraduzível), sem incorrer nos juízos típicos de quem tomou a academia e a pesquisa como possibilidade de exercer atividade militante? Os Estudos Africanos e a História da África, em nosso país, ganharam fôlego, pujança e significativo número de intelectuais no contexto posterior ao advento da lei 10639/2003, e aqui é importante observar que esta é resultado de processos em que política e militância estiveram presentes. Contudo, isto não poderia justificar os modos e formas como alguns compreendem os eventos alusivos ao continente, posto que se foi fundamental a pressão de movimentos sociais para que uma lei fosse aprovada, isto não deveria significar que o lugar da pesquisa, interrogação e conhecimento fossem substituídos por formas e modos em que certeza e convicção se fazem presentes...

Sim, o exercício da investigação, como dizem os queridos colegas angolanos e moçambicanos, ou da pesquisa científica, como preferem os brasileiros, pressupõe estranhamento e dúvidas para com os mecanismos que constituem os fenômenos, seja no âmbito da História ou das Ciências Sociais. A compreensão de algo, qualquer que seja o evento, pressupõe a dúvida e o estranhamento, sobretudo por se tratar de algo que (obviamente) ainda não se conhece. O exercício da política, conforme se observa no fazer de militantes de movimentos sociais de todas as ordens e nuances, pressupõe certezas, convicções, metas, mas isto não condiz com quem está no lugar de desvendar e traduzir eventos e fenômenos. Não se quer aqui estabelecer hierarquias, mas afirmar que os lugares são dotados de diferenças por conta da natureza dos objetivos. Um cientista, historiador, antropólogo, não pode dispor de certezas em grande número mediante o evento com o qual se depara. Deverá dispor de um método, e este irá necessitar da dúvida, do estranhamento.... Um militante, seja ele de qual movimento for, deverá proceder sob as prerrogativas da certeza e da convicção. Ora, são lugares distintos. Mas, por qual razão se observam grande número de militantes no âmbito acadêmico?

Talvez por estes últimos reconhecerem na academia mais um espaço a ser ocupado, de modo que suas lutas possam dispor de maior visibilidade. Esta presença vem se acentuando nos

últimos anos, e mesmo nas páginas deste periódico é possível se verificar trabalhos que trazem a certeza como pressuposto. Contudo, as críticas que vem sendo feitas aos trabalhos publicados por africanistas brasileiros é suficiente para refletirmos sobre o teor das nossas pesquisas. Acredita-se que há trabalhos de excelente qualidade produzidos (ou ainda em fabricação) nos últimos anos, pautados no bom e velho método científico, mas o momento de reflexão sobre conceitos e paradigmas deve estar na ordem do dia. Qual a África que emerge nos trabalhos publicados por diferentes africanistas brasileiros? Quais representações predominam nos artigos, livros, teses e dissertações produzidas no contexto posterior ao advento da lei referida acima, responsável por dotar o país de significativo número de especialistas sobre diferentes temáticas alusivas ao continente africano? Quaisquer que sejam as respostas, é fundamental refletir sobre o conjunto desta obra.

África (s) traz consigo os esforços de diferentes estudiosos, ávidos por legar ao público especializado, trabalhos apoiados em pesquisas e que traga repertórios conceituais comprometidos com o conhecimento científico. Em tempos de ataques ao conhecimento científico, perpetrados por sujeitos que se reconhecem como dotados da verdade, quaisquer que sejam seus matizes, tornam nossas ações como de fundamental relevância e importância. Como bem define diferentes manuais de Metodologia Científica, os resultados obtidos com a pesquisa científica trazem “questões” que podem ser entendidas como respostas dotadas de caráter falível, provisório e que foram construídas/encontradas mediante percurso de pesquisa. Ora, a compreensão das guerras civis, dos movimentos de toda ordem, dos eventos de diferentes naturezas não será obtida por verdades reveladas, mas pelo exercício da pesquisa, balizado no método científico. E estas serão revistas por outras pesquisas, que no decorrer dos tempos indicará algo já sabido por qualquer pesquisador/intelectual/cientista: o caráter provisório (ou não!) de determinado conhecimento.

Nossos esforços para contribuir com este processo se efetivam na hercúlea tentativa de manutenção deste periódico. Em tempos sombrios para a ciência e a pesquisa, dispor de periódicos que sigam à risca os processos de parecer às cegas, prezando pela qualidade e seriedade do processo de publicação, é excelente maneira de defender o conhecimento, a ciência e a pesquisa científica propriamente dita. Este dossiê, organizado pela ilustre colega e professora Marina Berthet Ribeiro, e pelo genial pesquisador e professor Mahfouz Ag Adnane, é parte deste esforço em trazer ao público trabalhos resultantes de pesquisas e análises que primam pelo rigor do conhecimento científico e da investigação. Importante deixar claro que este processo não deve ser confundido com homogeneidade e unidade do conhecimento. Certamente haverá diferenças

nas análises, pontos de vista, olhares, mas certamente a conclusão obtida se deu a partir de pesquisas documentais, revisões bibliográficas e pesquisa normatizada por um método.

O dossiê em questão, intitulado CONSTELAÇÕES POLIFÔNICAS: MUSICALIDADE, TESSITURAS CRIATIVAS DESDE ÁFRICA traz consigo artigos que são decorrentes de diferentes pesquisas, tendo o continente africano como centralidade. Sobre o dossiê propriamente dito, o leitor e a leitora poderá se informar no texto de sua apresentação, escrito a quatro mãos por seus profícuos organizadores. Este número de África (s) traz também dois artigos que integram o fluxo contínuo de contribuições enviadas a este periódico.

O artigo de Valdir Pierote Silva, intitulado O VÍDEO ZERO LATITUDE DE BIANCA BALDI: GRAMÁTICA MODERNA, CONTRANARRATIVAS E PROCESSOS DE COLONIZAÇÃO NA BACIA DO RIO CONGO traz consigo instigante análise de uma artista sul-africana, de nome Bianca Baldi. Pouco conhecida entre nós brasileiros, a referida artista teve parte de seu trabalho analisado de forma minudente pelo autor referido, indicando que o entendimento do continente africano não deve ser restrito ao texto escrito. Aliás, lembrando as geniais palavras do não menos genial Joseph Ki-Zerbo, a História da África tem em seu DNA a marca registrada da interdisciplinaridade, o que lhe confere característica diferenciada em relação a História produzida por outros espaços e centros. Pode-se aqui aventar que o continente africano tem dado generosas contribuições com a ciência, e em particular com a História e Ciências Sociais. Valdir Pierote, nesse sentido, inova por seu olhar e temática, enriquecendo ainda mais nosso conhecimento sobre as tendências contemporâneas da arte sul africana.

O outro artigo que integra este número, intitulado MUNDIALIDADES E HUMANIDADES NEGRO AFRICANAS: ALGUMAS NOTAS PARA RESISTIR ÀS POLÍTICAS DA INIMIZADE, de autoria de Sebastião Marques Cardoso, traz consigo questões que versam sobre discursos coloniais, produção de identidades e geradora de outras compreensões do âmbito das práticas e dos costumes culturais. O autor se apropria de duas tragédias para indicar os modos e formas como estes foram interpretados e ressignificados. Além disso, o artigo também traz elementos da literatura pós-colonial, como forma de complexificar ainda mais suas questões, indagações e interpretações. Dois excelentes trabalhos, produzidos em dois espaços acadêmicos distintos. Vale a pena conferir!

Enfim, o leitor e a leitora estão de posse de mais um número de África (s). Esperamos que este seja apreciado em todo ou em parte, com ou sem moderação, pois conhecimento e leitura nunca podem ser tidos como “em quantidade demasiada”. Esperamos que este número traga contribuições diversas aos que compulsarem seus artigos. Nada mais a desejar além de uma excelente leitura. E que a felicidade predomine, com um bom vinho, licor, cerveja, suco ou água em seu estado natural.

A todos e todas os votos de boa leitura.